

RESENHA

Wadislau Martins Gomes*

WIKER, Benjamin; WITT, Jonathan. **Um mundo com significado**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. 240 p.

Esse é um livro que parece ter passado despercebido, mas cuja importância deve ser resgatada. Os leitores afeiçoados quer às ciências quer às artes encontrarão em *Um Mundo com Significado*, numa boa tradução de Elizabeth Gomes, uma exposição simples sobre um tema complexo. Fazendo uso das palavras de David Powlison sobre o poder que tem a literatura em geral para ver o mundo, somente ultrapassado e sem comparação com a Escritura, o livro é de *uma simplicidade do outro lado da complexidade*. Especialmente porque os autores consideram o significado do mundo da ciência e da arte sob os olhares da Bíblia. Benjamin Wiker e Jonathan Witt orquestram uma composição para dois instrumentos – ciência e literatura – e tiram sons que produzem significado à mente e prazer ao coração. Aquele, hábil em teologia e ciência, e este, em teologia e literatura, abrem-nos as janelas do mundo para que observemos a genialidade de Deus, que, pela graça comum, perpassa a história do gênio humano.

O pensamento de que o mundo não tem significado é escuro e denso como o piche das estradas. Se um extraterrestre visitasse a terra a cada mil anos, eles dizem, veriam muita gente alienada quanto aos problemas do mundo e muita gente desesperada deles, uns e outros sem ver qualquer significado no mundo e na vida. *Um Mundo com Significado* começa afirmando no primeiro capítulo: “O tema central deste livro é uma declaração simples: o universo é pleno de significado” (p. 15). A maior parte da argumentação dos autores apela para a genialidade da confecção da obra de Shakespeare e da tabela periódica. O

* Professor visitante de Aconselhamento Cristão, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. Integra a equipe pastoral da Igreja Presbiteriana Paulistana, em São Paulo.

que têm em comum? Exatamente isto: a genialidade no meio de um mundo carente da genialidade de Deus. Wiker e Witt demonstram “como o significado de uma obra literária não se desenvolve apenas sequencialmente, mas implica um relacionamento recursivo e teológico com a totalidade da obra à medida que ela existe e toma forma na mente do autor” e “como a elaboração da ordem dos elementos requereu os melhores esforços das grandes mentes científicas para, só então, conceder seus segredos”, deixando “transparecer que o gênio dos elementos teve em mente não apenas a vida, mas especificamente o desenvolvimento do engenho humano” (p. 26).

Os dez capítulos, não extensos, seguem uma linha de argumentação muito bem colocada. Os autores examinam o significado e a falta dele no cenário do homem no mundo, analisando obras e descobertas “por meio de análise filosófica, literária, matemática e científica”, em virtude de que as transbordantes evidências requerem “numerosas disciplinas para captar sua superabundância” (p. 18). Sobre a busca do significado, eles dizem: “É impossível começar com um conjunto de letras sem sentido, inventar aleatoriamente, chegar à frase-alvo, e só então construir ao acaso, mas cumulativamente, até formar a peça toda...” (p. 38). Depois, Wiker e Witt estabelecem sua plataforma de trabalho operacional evidenciando os elementos do gênio do bardo e a geometria do gênio da tabela periódica. “A arte de Shakespeare”, diz um,

é de carne e sangue, mas não pertence ao mundo do materialismo. Não é redutível a causas materiais. Em sua arte ouvimos o eco de algo que o materialismo nos faria esquecer – o gênio da natureza, algo mais do que a matéria informe (p. 77).

O outro diz:

Existem regularidades matemáticas maravilhosas, mas que dizer quando chegamos à ordem aperiódica, desordenada, da informação genética? Isso não poderá ser mapeado, muito menos gerado por fórmulas matemáticas, assim como uma fórmula não matemática não poderia ser descoberta como geradora de *Hamlet* (p. 99).

Sobre a tabela periódica, depois de descrever a história de como foram deixados espaços vazios que se pressentiam, mas que não eram conhecidos, e de como a arquitetura da tabela sofreu aproximações em virtude de padronização do gênio humano, eles dizem:

Que relação surpreendentemente fantástica entre as intenções de Newland – de apenas aproximar os elementos de acordo com o peso atômico para facilitar a contagem das oitavas – e o verdadeiro número de prótons em cada elemento, seu número atômico na tabela periódica! (p. 134).

Então, vislumbrando um lar cósmico para os elementos, vêm com uma frase de mestre: “A ciência moderna – oposta à ficção científica – tem revelado apenas que nosso universo, contra Epicuro e seus muitos seguidores, não é um eterno fato bruto, mas que teve um início que exige explicação” (p. 159). Enfim, a conclusão tem uma frase genial: “A maior surpresa, em uma obra tão rica quanto é o nosso mundo, seria não encontrar ninguém” (p. 237).

Por que ler *Um Mundo com Significado*? No mundo de nosso tempo, em que os muitos “amigos de Jó” tentam achar suas próprias razões para o dilema humano em meios científicos literários e literários científicos, crentes ouvintes e crentes pregadores da Palavra encontram nele subsídios para o entendimento da cultura de nosso povo e para uma apologética sadia. Nomes como Northrop Frye (em 1981, com *O código dos códigos*,¹ inspirado no tema de *O grande código*, do poeta e pintor do século 18 William Blake); Robert Alter (em 1981 com a *A arte da narrativa bíblica*² e traduções de livros da Bíblia com comentários) e uma constelação de estrelas de maior ou menor brilho, como Franz Kafka, William Faulkner, Jorge Luis Borges e José Saramago (em 1998 com *Caim*,³ inspirado no livro *O relojoeiro cego*, de Richard Dawkins), todos exercem influência sobre as artes menores que alcançam o povo por meio de novelas, letras de músicas e daí em diante. No Brasil, particularmente, são milhares de “amigos de Jó” emitindo opiniões em prosa, verso e canto, desde os primeiros séculos das letras até hoje, do brilho de Machado de Assis (com *A igreja do diabo*, *Caim e Abel* e *Quincas Borba*), Olavo Bilac (com *Maldição*, *Benedictice* e *Alvorada do amor*) e Carlos Drummond de Andrade (com *Deus triste* e *Versos de Deus*), ao lustro de Milton Hatoum (em 2000 com *Dois irmãos*)⁴ e Ronaldo Correia de Brito (em 2005 com *O Livro dos homens*)⁵ e ao lusco-fusco de Paulo Coelho, Rubem Alves e por aí vai. Todos falam de Deus com desdém, amargura quase contida ou raiva quase bastante, mas não com indiferença, uma vez que gastam tempo com o que não querem crer. Às vezes a própria beleza do que dizem testemunha a glória que tentam suprimir. Nesse clima, a leitura de *Um Mundo com Significado* tem muito significado!

¹ FRYE, Northrop. *O código dos códigos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

² ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³ SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

⁴ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁵ BRITO, Ronaldo Correia de. *O livro dos homens*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.